

DAUFONSINHO

Eva Furnari

© Eva Furnari



Resenha

Era uma vez um rei e uma rainha que tinham um filho chamado Daufonsinho, que costumava arrumar confusões no castelo sempre que seus pais saíam de férias. Desta vez, não foi diferente: certo dia, o pequeno príncipe escapou do castelo durante o horário da sesta da babá e viu pela primeira vez o mundo do lado de fora. Impressionado com as diferenças entre as pessoas, Daufonsinho chegou à conclusão de que tudo seria melhor se os moradores do reino se parecessem com seu pai e sua mãe.

Naquela noite, conseguiu escapar mais uma vez e afixar na praça principal novas leis que havia redigido em um pergaminho: a partir daquele dia, todas as mulheres teriam que ter nariz do tipo cenoura gorda, cabelo vermelho penteado em birotas, usar sapatos baixos e saias do tipo balão; e os homens deveriam ser todos carecas, barrigudos, usar bigodes enrolados nas pontas, ter nariz de brigadeiro amassado e calçar sapatos plataforma; além de outras coisas. Quem não cumprisse a lei, teria sua cabeça cortada fora. No dia seguinte, quando seus pais voltaram de viagem, Daufonsinho se deu conta de que sua ideia não tinha sido lá muito boa e acabou se arrependendo...

Em Daufonsinho, a autora busca, por meio do humor e da fantasia, aproximar os jovens leitores de questões provocativas. Eva Furnari nos apresenta uma fábula a respeito da intolerância e do autoritarismo. Enquanto em boa parte dos contos de fada a família real aparece como protagonista, sem que se coloque em questão suas atitudes como governantes do reino, nessa história,



Coordenação:
Maria José Nóbrega

o pequeno príncipe cria uma série de transtornos ao tentar fazer valer, por meio de um decreto-lei, seu desejo de que todos os moradores do reino se pareçam com seus pais e, por tabela, com ele próprio. É a dificuldade que o príncipezinho encontra em aceitar a diversidade dos seres humanos que o rodeiam que desencadeia todo o conflito da história. Pela profunda tensão que acomete os criados do palácio diante do medo de desagradar aos seus patrões monarcas, podemos adivinhar que sua posição como empregados está longe de ser confortável. Os estratégias tragicômicas que os moradores do reino adotam para tentar se adequar a leis estapafúrdias, diante do pavor de ter a cabeça cortada como uma fatia de cebola, é um alerta bem-humorado contra os absurdos do autoritarismo, que vira e mexe assombram os regimes políticos em que vivemos.



Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Terminamos de ler este livro aqui em casa (eu, meu filho de 8 anos e minha filha de 4) e fomos para a cama, dormir. Enquanto se cobria, meu filho, pensativo, solta:

– Pai, a Eva Furnari sempre faz livros sobre diferença, né? Sobre um ser diferente do outro.

– Não sei, filho. Qual outro? – encarnei aquele pai que instiga reflexões, sabe?

– “Cacoete”. “Assim Assado”.

– Não! – interrompe minha pequena, já deitada em sua cama – “Assim, Assado” é de rima!

– Mas é de diferença também, Lelê – responde o guri sem se levantar, olhando para o teto. Menos “Lolo Barnabé” – ele continua –, “Lolo Barnabé” não é de diferença, é de invenção...

Dormimos.

É claro que essa não é a coisa mais importante sobre “Daufonsinho”, mas esse pequeno diálogo entre mim e as crianças me suspendeu no ar, me pegou de maneira profunda.

Os desenhos de Furnari, sua narrativa, sua capacidade assombrosa de contar histórias para

crianças, tanto pequenas quanto grandes, sua importância para a constituição da literatura infanto-juvenil brasileira, a beleza de suas imagens, o humor agradável, mas nunca leviano, de suas histórias, tudo isso é parte do que torna *Daufonsinho* um livro especial.

Portanto, aquele pequeno diálogo com meus filhos também explicita um elemento fundamental da leitura em geral: a aproximação viva e profunda entre autor e leitor.

Meu filho está em uma fase de reconhecer autores. Orgulha-se de saber seus nomes e de listar suas obras. Fala muito de Roald Dahl, Ana Maria Machado, Dav Pilkey, Ilan Brenman, Ruth Rocha, Monteiro Lobato e, mais recentemente, Bill Watterson. Para ele, relacionar os livros a cada autor faz parte da atividade de leitura, o que considero um grande mérito de nossas horas com os livros aqui em casa.

Talvez o maior desafio para ajudar nossos filhos a se tornarem leitores sagazes, cidadãos que se perguntem sobre o mundo, que se questionem, que avancem nas reflexões e, conseqüentemente, nas ações por um mundo um pouquinho melhor, seja de aproximá-los afetivamente da leitura, do conhecimento. É esse afeto pelo conhecimento, pela sabedoria dos livros e das pessoas, que vi florescer de maneira tão especial na pequena conversa com minhas crianças antes de dormir.

Daufonsinho é o quinto ou sexto livro que lemos aqui em casa da série "Do Averso". Queria deixar aqui essa impressão, essa sensação de que minhas crianças se aproximaram de Eva Furnari (de Felpo Filva, de Bililico, da Bruxinha, de Lolo Barnabé), de que se construiu um laço profundo entre Eva e Miguel, no qual ele sabe que ela fala sobre diferenças, entende que seus livros são também crítica e reflexão sobre a sociedade; e um laço entre Eva e Helena, que entende, por enquanto, que seus livros são sobre rima e sobre aquarela.

Obrigado, Eva.



Um pouco sobre a autora

Eva Furnari nasceu em Roma, Itália, em 1948, e veio para o Brasil aos dois anos de idade, onde reside até hoje.

Formou-se em Arquitetura pela Universidade de São Paulo e foi professora de Artes no Museu Lasar Segall. Na década de 1980, colaborou como desenhista em diversas revistas. Publicou semanalmente, por quatro anos, histórias da Bruxinha no suplemento infantil do jornal Folha de S.Paulo. Começou sua carreira de escritora e ilustradora de livros infantis e juvenis em 1980 e hoje tem mais de 60 livros publicados.

Possui livros adaptados para o teatro e publicados no México, Equador, Guatemala, Bolívia e Itália.

Ao longo de sua carreira, Eva Furnari foi agraciada com inúmeros prêmios. Entre eles, recebeu diversas vezes o Prêmio Jabuti, da CBL, e o prêmio da FNLIJ. Também recebeu o Prêmio APCA pelo conjunto da obra.



Leia Mais

Do mesma autora e série

- ✦ *A bruxa Zelda e os 80 docinhos*. Moderna: São Paulo.
- ✦ *Tartufo*. Moderna: São Paulo.
- ✦ *Umbigo indiscreto*. Moderna: São Paulo.
- ✦ *Lolo Barnabé*. Moderna: São Paulo.
- ✦ *Tantãs*. Moderna: São Paulo.

Do mesmo gênero ou mesmo assunto

- ✦ *Sua alteza a Divinha*, de Angela Lago. Belo Horizonte: RHJ.
- ✦ *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *O urso que não era*, de Frank Tsahlin. Boitatá.
- ✦ *Os vizinhos*, de Einat Starfati. Rio de Janeiro: Pequena Zahar.
- ✦ *Contos de Sacisas*, de José Roberto Torero. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

